

# *Representações da Cidade Antiga*

*categorias históricas  
e discursos filosóficos*

**Gabriele Cornelli (Org.)**

# BABEL E A REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO NA CIDADE ANTIGA

## Babel and the Representation of the Sacred in the Ancient City

As palavras podem reconstruir a história, pois estas são mais duradouras que o mármore e os metais.

Jorge Luis Borges

Katia Maria Paim Pozzer<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo discutir alguns aspectos da concepção religiosa da civilização mesopotâmica por meio das representações arquitetônicas do sagrado daquela sociedade. Nosso estudo tem por base o registro em argila dos templos monumentais no interior das cidades. O presente estudo analisa as representações arquitetônicas do sagrado na civilização mesopotâmica como um dos aspectos de sua concepção religiosa. A construção mais significativa da arquitetura mesopotâmica foi o edifício conhecido como zigurate, uma construção maciça de tijolos crus, em forma de pirâmide escalonada, em cujo topo era construído um pequeno santuário. O zigurate era a ligação entre o céu e a terra, onde se reuniam todos os elementos de uma visão mítica do Universo.

**Palavras-chave:** Babilônia, Cidade, Mesopotâmia, Religião, Representação.

**Abstract:** The aim of this article is to discuss some aspects of the religious conception of the Mesopotamian civilization, through architectural representations of the sacred in that society. Our study is based on the clay record of the monumental temples in the interior of the cities. The current study analyzes the architectural representations of the sacred in the Mesopotamian civilization as one of the aspects of its religious conception. The most significant construction of the Mesopotamian architecture was the building known as ziggurat, a massive construction of raw bricks, in form of a solid pyramid, on whose top it was built a small sanctuary. Ziggurat was the linking between the sky and the earth, where all the elements of a mythical vision of the universe gathered together.

**Keywords:** Babylon, City, Mesopotamia, Religion, Representation.

Este artigo tem por objetivo discutir alguns aspectos da concepção religiosa da civilização mesopotâmica por meio das representações arquitetônicas do sagrado daquela sociedade. Nosso estudo tem por base o registro em argila dos templos monumentais no interior das cidades. As fontes utilizadas neste estudo são exclusivamente textos cuneiformes e relatos de escavações arqueológicas de Babilônia.

A Mesopotâmia localizava-se no vale fluvial do Eufrates e do Tigre, no território do atual Iraque. Foi nessa região que surgiram as primeiras civilizações urbanas.

---

<sup>1</sup> Professora do Curso de História/ULBRA, Doutora em História pela Université de Paris I – Panthéon –Sorbonne.



Fig. 1 – Mapa do Antigo Oriente Próximo

No início do IV milênio a.C., diferentes grupos populacionais ocupavam a região: eram pastores do deserto, pescadores dos pântanos e agricultores das planícies. Eles formaram um núcleo de contato com os povos de áreas montanhosas distantes, em busca de matérias-primas inexistentes no sul da região. Iniciou-se, assim, um processo de diferenciação social, onde um grupo conquistou o monopólio sobre a produção da riqueza daquela sociedade. Na Antiguidade, essa região abrigou importantes culturas, como a suméria, a babilônica e a assíria, ao longo de três milênios. Sua estrutura política básica foi a da cidade-estado, marcada pela pulverização do poder, onde cada cidade-estado disputava a hegemonia política sobre uma região.

Em 3.500 a.C. surgem centros como Uruk, com uma instituição urbana fundamental, o templo, construído no ápice de uma pirâmide monumental, chamada de zigurate, que expressava simbolicamente seu poder. Os templos foram responsáveis pelo desenvolvimento de vários aspectos da sociedade, como a escrita, o Estado, o sistema jurídico, a arte e a arquitetura, entre outros (Pozzer, 2003a: 61).

O sul mesopotâmico foi palco de inúmeras disputas militares entre os vários centros urbanos pela hegemonia política de territórios vizinhos por volta de 2800 a.C. O resultado dessas guerras transformou o desenvolvimento dessas cidades: as revoltas no interior do país levaram a uma migração significativa do campo para a cidade, fazendo com que a maioria da população se tornasse urbana; maciças fortificações foram construídas para garantir a segurança destas cidades, definindo assim a diferença entre o espaço urbano

e o rural e restringindo o acesso às cidades através dos portões das muralhas.<sup>2</sup> As necessidades de guerra exigiram um maior desenvolvimento da autoridade política e militar induzindo a criação da segunda principal instituição urbana: o palácio. As cidades mesopotâmicas passaram, então, a contar com dois centros de poder: um político e militar – o palácio –, e outro econômico e religioso – o templo –, um espaço profano, outro sagrado.

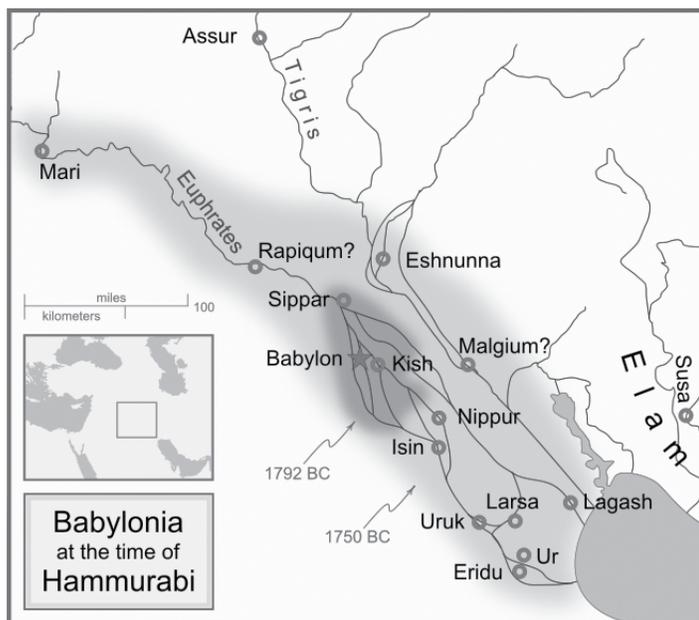


Fig. 2 – Mapa do Sul Mesopotâmico

### Uma história da cidade de Babilônia

Babilônia surgiu como um pequeno estabelecimento urbano, por volta de 3700 a.C., com o nome de Babil, e desenvolveu-se ao longo das margens ocidentais do Eufrates. No final do III milênio a.C., Babilônia<sup>3</sup> era uma cidade modesta, submetida à terceira dinastia de Ur. No século XVIII a.C., a primeira dinastia de Babilônia dominou a região e tornou-se uma potência, sob o comando de Hamurabi (1792-1750 a.C.). Mas a unidade política demonstrou-se frágil ao longo dos séculos e, em 1595 a.C., a cidade foi tomada pelos hititas, povos do norte da Anatólia, atual Turquia, transformando-se, então, em uma cidade de menor importância no cenário político (Saggs, 1998: 11).

A cidade sofreu sucessivas invasões, destruições e reconstruções, mas

<sup>2</sup> As portas das cidades eram o local de encontro entre o mundo civilizado urbano e o mundo selvagem da estepe.

<sup>3</sup> Babilônia é formada pelas palavras Bâb-ilí, cuja tradução literal é “a porta dos deuses”.

manteve sua supremacia cultural e religiosa através dos tempos, graças ao culto do deus Marduk,<sup>4</sup> renovado anualmente, nas festas do Akîtu.<sup>5</sup> Marduk tornou-se a divindade suprema do panteão mesopotâmico (Huot, 1990: 234). No Poema da Criação “Enûma Êliš”, uma composição literária datada do reinado de Nabucodonosor I (1126-1105 a.C.), Marduk é evocado como o deus supremo do Universo, aquele que fundou Babilônia e a tornou o centro de seu poder. Esse mito contribuiu para que a cidade se tornasse referência e pudesse atribuir legitimidade política aos reis que ali se sucedessem (André-Salvini, 1995: 28-35).

Sob a dinastia neobabilônica (625-539 a.C.), a cidade tornou-se a capital do mundo oriental e recebeu enormes riquezas arrecadadas com os tributos pagos pelos reinos conquistados, possibilitando a construção de obras monumentais como a muralha, os palácios e os templos, que tanto encantaram os viajantes antigos (Joannès, 2001: 111-115). Sob Nabucodonosor II (604-562 a.C.), Babilônia tinha cerca de mil hectares de extensão e sua muralha, com oito portas, possuía 18 km de comprimento e 30 m de largura.

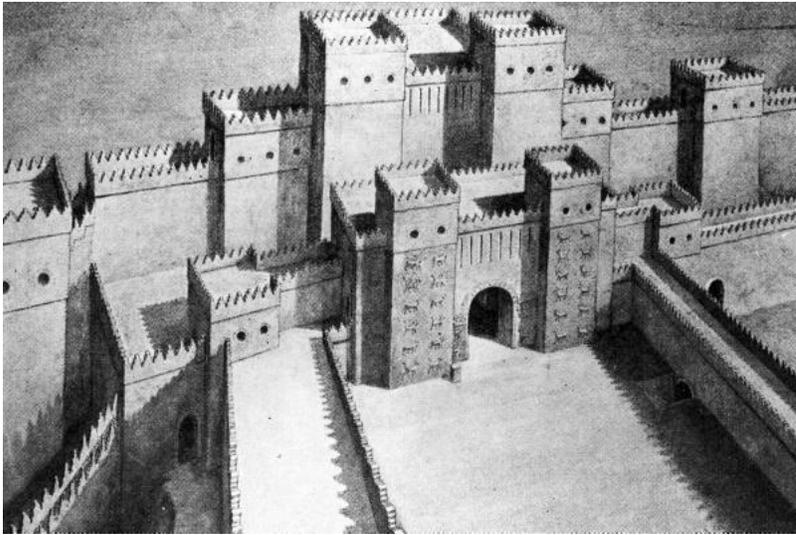


Fig. 3 – Reconstrução do portão de Ishtar Gate em Ur (1901)

### **O sistema religioso mesopotâmico**

Os mitos sublinham a origem divina das cidades e, ao mesmo tempo, relatam que suas realizações foram obras dos reis e seus súditos, onde cada divindade do panteão possuía sua residência principal, sua cidade predileta. Uma

<sup>4</sup> Marduk é o deus-protetor da cidade de Babilônia.

<sup>5</sup> Festa do Ano Novo, comemorado no solstício da primavera no hemisfério norte.

das características desta sociedade era o politeísmo, onde cada cidade-estado possuía seu próprio panteão (Black; Green, 1998: 14).

Esse complexo sistema religioso traduzia as representações coletivas do sagrado daquela comunidade formada em uma tradição imemorial. O universo mesopotâmico é um mundo onde tudo é sagrado. Podemos observar esse fenômeno a partir do estudo das línguas faladas pelos antigos habitantes da região entre rios, o sumério e o acádio. Tomemos como exemplo o substantivo sumério DINGIR e seu correspondente em acádio, *ilum*, pois nos permitem melhor compreender essa concepção do sagrado. Traduz-se DINGIR por “deus”, substantivo comum, singular, masculino, mas, ao mesmo tempo, DINGIR é usado como determinativo gráfico, indicando o qualificativo divino, antecedendo o nome próprio da divindade, como em <sup>d</sup>Šamaš, <sup>d</sup>Ištar. Mas este sinal também significa AN, que tanto pode ser lido como “céu” ou como o deus AN, uma divindade suprema. Os deuses estariam assim destinados aos céus (Pozzer, 2008: 173-187).

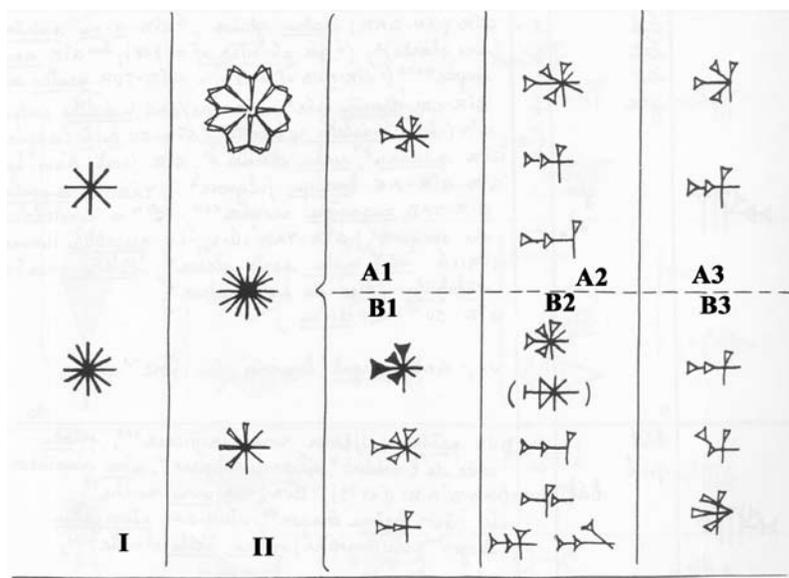


Fig. 4 – Evolução Gráfica do Cuneiforme para o Sinal AN<sup>6</sup>

I – Forma mais antiga do sinal (pictográfica)

II – Forma do sinal em sumério clássico

A1 paleo-assírio; A2 assírio médio; A3 neo-assírio

B1 paleo-babilônico; B2 babilônico médio; B3 neo-babilônico

<sup>6</sup> Reescrito e adaptado pela autora com base em Labat e Malbran-Labat (1988).

As divindades possuíam nomes, funções, estado civil, atributos específicos e estavam vinculadas a uma cidade onde exerciam seu poder e proteção. No mundo mesopotâmico existiram tantos panteões quantas mitologias e cidades. As divindades estavam organizadas em uma sociedade hierarquizada, onde cada uma tinha seu campo de atuação, suas competências, seus privilégios, seus saberes e poderes (Glassner, 2002: 183).

### **A representação do sagrado na argila**

O principal material utilizado nas construções no Antigo Oriente Próximo era a argila. O solo da Mesopotâmia, com exceção de algumas jazidas de pedra ao norte e uma vasta região de pântanos no extremo sul, é quase que exclusivamente composto de uma espessa camada de argila, constituindo-se na mais importante matéria-prima daquela civilização (Walker, 1992: 261).

A argila era um material de construção bastante versátil e poderia ser usada na fabricação de tijolos modelados à mão ou moldado em uma forma de madeira. O tijolo era fabricado tradicionalmente no mês designado SIG, em sumério, significando “o tijolo” e equivalente à maio-junho, em nosso calendário atual. Esse período de seca era posterior à colheita e reunia as condições ideais para a fabricação do tijolo: a palha necessária à sua confecção e tempo sem chuvas que favorecia a secagem. Depois de secos ao sol, tornavam-se duros e poderiam ser usados com facilidade. Os tijolos de argila também podiam ser cozidos no forno (queimados) para se tornarem ainda mais resistentes e serem usados nas canalizações de esgotos, nas vias públicas ou em lugares expostos à forte erosão (Gouyon, 2004: 35-38).

A construção mais significativa da arquitetura mesopotâmica foi o edifício conhecido como zigurate, o substantivo em acádio é *ziqquratu*, o verbo é *zaqāru*, que significa “construir prédio alto”. Zigurate é uma construção maciça de tijolos crus, em forma de pirâmide escalonada, em cujo topo era construído um pequeno santuário

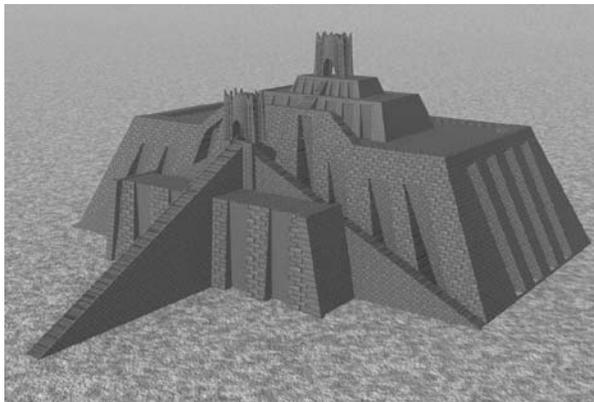


Fig. 5 – Zigurate de Ur

O mais famoso de todos os zigurates é o de Babilônia, É.TEMEN.AN.KI, cuja tradução literal é “a casa da fundação do céu e da terra” e foi o palco de um dos mitos fundantes da cultura ocidental, encontrado no Livro do Gênesis, capítulo 11, versículos de 1 a 9 (*A Bíblia de Jerusalém*):

Todo o mundo se servia de uma mesma língua e das mesmas palavras. Como os homens emigrassem para o oriente, encontraram um vale na terra de Senaar e aí se estabeleceram. Disseram um ao outro: “Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!” O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa. Disseram: “Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos sobre a terra!” Ora, Iahweh desceu para ver a cidade e a torre que os homens tinham construído. E Iahweh disse: “Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros”. Iahweh os dispersou dali por toda a face da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Deu-se-lhe por isso o nome de Babel, pois foi lá que Iahweh confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra e foi lá que ele os dispersou sobre toda a face da terra.

A estrutura original da Torre de Babel foi construída por Hamurabi (1792-1750 a.C.), mais tarde destruída pelo rei assírio Senaqueribe, em 689 a.C., quando este conquistou Babilônia. Ela foi reconstruída por vários reis, tendo sua restauração finalizada por Nabucodonosor II (604-562 a.C.), rei da dinastia caldéia (Westenholz, 1995: 59).

O zigurate de Babilônia também é conhecido graças ao relato de Heródoto, que a descreveu como uma torre em oito andares, com uma escada externa em espiral, com bancos em cada andar “para que aqueles que subiam se repousassem, com um grande templo no último andar, aonde o deus em pessoa, segundo os sacerdotes caldeus, viria passar a noite com uma mulher escolhida por ele” (Glassner, 2003: 171). A narrativa de Heródoto faz alusão aos rituais de hierogramia realizados durante as festividades de Akitu, onde o rei e a sacerdotisa principal, legítimos representantes dos deuses, teriam relações sexuais dentro do templo localizado na Torre, e, assim, garantiriam prosperidade e fertilidade para todo o reino.

Uma descrição mais precisa sobre a torre foi encontrada em um tablete de argila datado de 229 a.C. conhecido como o “Tablete da Esagila” que apresenta as dimensões do templo do deus Marduk e do zigurate de Babilônia (Lacambre, 1994: 70). Da Torre de Babel subsistem apenas suas fundações construídas sob um plano quadrado de 91m de lado formando uma área de 8.100m<sup>2</sup>. O interior era de tijolos secos ao sol, enquanto as paredes externas eram de tijolos cozidos com 15m de espessura e teriam atingido uma altura de 90m. Estima-se que seria necessário cerca de 36 milhões de tijolos e três mil homens trabalhando durante dois anos para sua construção (Pozzer, 2003b: 71).

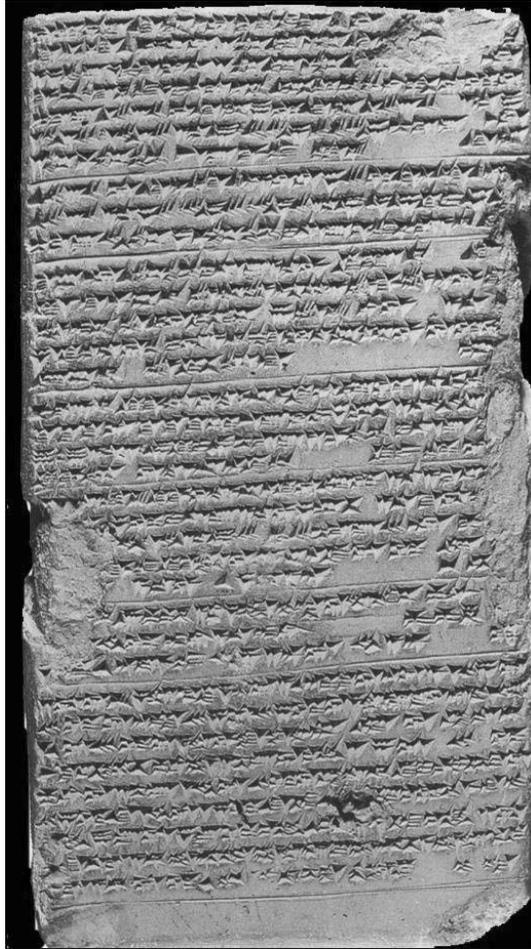


Fig. 6 – Tablete da Esagila

Infere-se que a Torre de Babel serviria a duas funções principais: uma de caráter científico, outra, de cunho religioso. Os escribas realizavam observação astronômica diária e as registravam em tabletes de argila. Esses documentos atestam que os babilônicos já conheciam cinco planetas e dois satélites: Saturno, Júpiter, Marte, Vênus e Mercúrio; e o Sol e a Lua (Roaf, 2000: 436). Mas eles também acreditavam que grande parte das divindades habitavam os céus, assim, os zigurates mais altos foram construídos para facilitar a descida dos deuses à terra para que pudessem aliviar os males e os sofrimentos dos homens.

Babilônia é uma cidade emblemática na tradição ocidental e sua torre deu lugar a inúmeras representações ao longo da história. No Gênese bíblico, Babel torna-se o centro do mundo caótico e da dispersão. No final da Idade Média, as representações da torre de Babel são marcadas por conflitos político-religiosos.

Já o Renascimento vai utilizar o mito para exaltar a conquista heróica do Homem sobre a Natureza e reativar a cultura helenística. Mas, a partir do século XIX, com as escavações arqueológicas, a arte passou a representar Babilônia com um certo rigor histórico e científico.

Mas, afinal, como entender Babel? A simbologia cósmica do “país entre rios” é dominada por uma visão bipolar do Universo: no alto o céu, embaixo a terra. Essas duas metades são habitadas por diferentes deuses: An, criador do céu e Éa, fundador da terra. No poema da criação, *Enûma Eliš*, é dito que, quando os deuses subirem do *Apsû* (as águas primordiais), haverá um lugar de repouso para recebê-los e que, quando os deuses descerem do *Anû* (o céu), haverá um lugar de repouso para recebê-los (Peinado, 1994). Esse lugar é o templo no ápice do zigurate. O zigurate torna-se, pois, a ligação entre o céu e a terra, o lugar de encontro das duas metades do Universo.

Todos os elementos de uma visão mítica do Universo estão reunidos na Torre de Babel, num único sistema simbólico: o templo e sua torre religando todas as partes, no centro do Universo, e o Homem, que, segundo a mitologia mesopotâmica, surgiu para servir aos deuses, é o colaborador desses poderes criadores divinos.

Uma torre feita pelos homens com o desejo de, assim, se aproximarem do mundo divino, em uma cidade construída com a esperança de ali viverem uma vida sem males. Cidade habitada por muitos e sonhada por todos.

## Bibliografia

- André-Salvini, B. (1995). *Babylone. Les Dossiers d'Archéologie*, Dijon, n. 202, 28-35.
- Bíblia de Jerusalém*, A. (1995). São Paulo: Paulus.
- Black, J.; Green, A. (1998). *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*. London: British Museum Press.
- Glassner, J.-J. (2002). *La Mésopotamie*. Paris: Les Belles Lettres.
- Glassner, J.-J. (2003). *La Tour de Babylone*. Paris: Éditions du Seuil.
- Gouyon, J.-B. (2004). La brique, l'élément de base. *Les Cahiers de Science e Vie*, Paris, n. 82, 13-19.
- Huot, J.-L.; Thalmann, J.-P.; Valbelle, D. (1990). *Naissance des cités*. Paris: Nathan.
- Joannès, F. (ed.). (2001). *Dictionnaire de la Civilisation Mésopotamienne*. Paris: Éditions Robert Lafont.
- Labat, R.; Malbran-Labat, F. (1988). *Manuel d'Épigraphie Akkadienne*. Paris: Geuthner.

- Lacambre, D. (1994). La Tour de Babel et la recherche des cieux. *Les Dossiers d'Archéologie*. Dijon, n. 191, 68-73.
- Peinado, F.L. (1994). *Enuma Elish – Poema babilónico de la creación*. Madrid: Editorial Trotta.
- Pozzer, K. M. P. (2003a). *Les Archives Privées de Marchands à Larsa Pendant la Deuxième Moitié du Règne de Rim-Sin*. Lille: ANRT.
- Pozzer, K. M. P. (2003b). Cidades mesopotâmicas: história e representações. *Anos 90 – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*, Porto Alegre, n. 17, 61-73.
- Pozzer, K. M. P. (2008). A magia na Mesopotâmia. In Funari, P. P.; Silva, G. J. ; Martins, A. L. (orgs.). *História Antiga, contribuições brasileiras*. São Paulo: Ed. Annablume/Fapesp, 173-187.
- Roaf, M. (2000). Palaces and Temples in Ancient Mesopotamia. in Sasson, J. (ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. Peabody: Hendrickson Publishers, 423-441.
- Saggs, H. W. F. (1998). *Au Temps de Babylone*. Paris: Éditions Philippe Lebaud.
- Walker, C. B. (1992). F. Les Sciences et les Techniques. in Hrouda, B. *L'Orient ancien*. Paris: France Loisirs.
- Westenholz, J. G. (1995). Lieu de création des grands dieux. *Les Dossiers d'Archéologie*, Dijon, n. 210, 56-61.